

DURANTE O ULTRAÍSMO: BORGES E GÓMEZ DE LA SERNA

Livia Grotto

O ultraísmo com o qual Ramón e Borges tiveram contato direto caracterizou-se pela releitura e síntese, sobretudo através das revistas literárias, das inovações das vanguardas europeias como o futurismo, o dadaísmo, o cubismo e o expressionismo. Segundo Buckley e Crispín, "por primera vez desde el siglo XVIII, España se abrió a los cuatro vientos y participó con voz propia e inconfundible en las corrientes intelectuales europeas del momento" (1973, 9). A maior parte dos críticos e historiadores literários, no entanto, discordaria dessa "voz própria e inconfundível" em virtude da falta de originalidade dessa primeira vanguarda espanhola, que se limitava a repercutir o que era feito noutros lugares, sobretudo na França, na Itália e na Alemanha.

Seja como for, conta-se que o ultraísmo foi concebido em 1918, no café Colonial de Rafael Cansinos Assens, sob o influxo da passagem do poeta chileno Vicente Huidobro pela Espanha. Efetivamente, o primeiro manifesto foi publicado em Madri em 1919 e redigido nesse círculo literário, que pouco tempo depois seria frequentado pelo jovem Borges¹. É mesmo nesse sentido que na maturidade Borges faria questão de atribuir a Cansinos o papel de mestre. As declarações a seu respeito, uniformes ao longo do tempo e sempre positivas², somadas ao marco do primeiro manifesto ultraísta, ajudariam a encobrir a presença de outro mestre, Ramón Gómez de la Serna, para quem o autor argentino foi reservando o silêncio, ou um crescente desdém, vinculado sobretudo à sua produção de *greguerías*, um gênero literário inventado, que reúne metáforas com comparações disparatadas, etimologias falsas, paronomásias, paródias de locuções ou de clichês. Em 1981, por exemplo, Borges diria o seguinte, em entrevista a Abel Posse:



Tela de Gutiérrez Solana, "La tertulia del café del Pombo en Madrid".

"Gómez de la Serna fue un extraordinario literato y quedará en las letras. Buenos Aires le hizo mal.

Pienso que podría haber sido un gran poeta aparte del excelente prosista que es. Las greguerías le anularon muchas posibilidades: si uno se acostumbra a pensar en forma tan atomizada termina atomizado.

Al final se disgregó en greguerías..." (POSSE, 1996)

Ramón poderia ter sido poeta, mas não foi, lembra Borges. Também não se considerou parte do ultraísmo, constituído por poetas. Apesar de certa afinidade com o grupo, sempre reclamou seu magistério, o papel de introdutor do "novo" na Espanha e seu próprio ismo, o "Ramonismo". Em 1931, seu livro sobre as vanguardas, *Ismos*, sequer menciona o ultraísmo. Isto parece explicado em 1955, quando afirma na *Revista Nacional de Cultura* de Caracas que esse ismo fraco tinha tido dificuldades para existir (GÓMEZ DE LA SERNA, 1955, 147). Nessa oportunidade, Ramón relembra o papel de Borges, responsável por transportar para a Argentina as inovações estéticas divulgadas na Espanha, "esclarecendo a doutrina". Além disso, consideraria que em vez de Cansinos, Guillermo de Torre teria sido o criador do ultraísmo. Quatro anos depois, em 1959, o mesmo texto, quase sem modificações, passa a ser o verbete "Ultraísmo" do *Diccionario literario* de González Porto-Bompiani. Desta vez, com três curiosas ilustrações que o acompanham: uma reprodução da tela de José Gutiérrez Solana de 1920, "La tertulia del café del Pombo en Madrid", com Ramón ao centro; o retrato cubista de Ramón pintado por Diego Rivera em 1915 e um desenho do próprio Ramón. Este último é feito de uma expressão que se repete: "Lo nuevo", "Lo nuevo". No centro, pode-se ler a frase "Siempre lo nuevo". Na parte inferior, "Lo nuevo sin razones ni dudas", "Todo lo nuevo". A reprodução do retrato de Rivera já tinha composto a capa da primeira edição de *Ismos* e o desenho de Ramón também ilustrava esse livro. Em 1959, mesmo que não saibamos se as ilustrações foram sugeridas pelo escritor ou simplesmente incluídas pelos editores do dicionário, chamam a atenção porque apesar do papel central que Ramón assume em todas elas, no verbete ele não aborda a sua própria participação nas revistas ultraístas.



Tela de Diego Rivera, "Retrato

cubista de Ramón Gómez de la Serna".

Bem antes do ultra: Ramón teve uma presença incontestável em grande parte das revistas ultraístas. Apesar de seu vínculo caprichoso, e dos altos e baixos que enfrentou com relação aos poetas do movimento, é claramente um de seus precursores. É o que esclarece Gloria Videla Rivero, uma das principais estudiosas do "ultra", abreviação familiar de ultraísmo:

"Aunque Gómez de la Serna es prosista, son muchas las razones que justifican su inclusión como precursor del ultraísmo [...]. Tuvo, con prioridad histórica, la preocupación por "lo nuevo", que fue obsesión en los ultraístas. Expresó su afán reformador en proclamas, manifiestos y prólogos; tuvo contacto con el futurismo italiano cuando todavía en España el modernismo estaba en pleno auge; su estilo literario refleja su deseo de originalidad. En su prosa – con evidentes matices líricos que nos permiten considerarlo como precursor de un movimiento poético – aparecen muchos de los rasgos que caracterizan a la lírica de vanguardia: la profusión de imágenes y metáforas (la "greguería"), los juegos de ingenio, el humorismo." (1971, 18)

Já na Espanha de 1909, Ramón difunde através da revista *Prometeo*, fundada em 1908 por seu pai, Javier Gómez de la Serna, o manifesto de Marinetti, "Fundación y Manifiesto del Futurismo"³. Em 1910, divulga e traduz outro texto do vanguardista italiano, desta vez dirigido especialmente aos espanhóis: "Proclama futurista a los españoles". Ramón foi, assim, o precursor do ultraísmo – devido ao tipo de produção que desenvolvia – e *Prometeo* [1908-1912] teria sido a precursora das revistas ultraístas, ao inaugurar, tanto quanto seu diretor, uma postura desconhecida para a Espanha de então: a de dar notícia sobre o que se fazia no resto da Europa.

Entre 1914 e 1915, Ramón inaugurou a tertúlia do café Pombo. Como outros cafés que existiram na Espanha desde o século XVIII, Pombo era um espaço de reunião aberto e informal, onde se falava de assuntos os mais ecléticos: sobre os acontecimentos recentes, os temas políticos e sobretudo, as novidades estéticas e a vida literária. Cansinos Assens, Manuel Abril, Salvador Bartolozzi, José e Rafael Bergamín figuravam entre os fundadores. Nessa mesma época, Ramón imprime a *Proclama de Pombo* em papel de jornal, num formato parecido com a da futura *Prisma*, a primeira revista da

vanguarda argentina, colada por Borges e por seus companheiros nas ruas de Buenos Aires em 1921. Bem antes disso, portanto, e antes do ultraísmo na Espanha, Ramón já se destacava como renovador.

Relacionou-se, de fato, com muitos representantes das vanguardas de outros países e, na Espanha, parecia centralizar tudo o que se vinculava ao novo. Da emissora de rádio ao cinema sonoro, do aeroplano ao zepelim, do jazz-bandismo ao cubismo, passando pelo futurismo. Em 1915, já havia organizado em Madri a primeira exposição de arte de vanguarda, recebida com escândalo pelo público e pela imprensa. A mostra, cujo catálogo prologou, chamou-se "Pintores íntegros" e foi realizada no Salón de Arte Moderno⁴. Nesse espaço expuseram, dentre outros, Agustín Choco, José Cruz Herrera, María Blanchard e Diego Rivera com o "Retrato de Ramón Gómez de la Serna", o mesmo que foi reproduzido na capa de *Ismos* e no verbete "Ultraísmo" do dicionário Porto-Bompiani.

A originalidade e a modernidade de Ramón eram, contudo, relativas – como mais tarde seriam as do grupo de poetas ultraístas – pois a França era seu paradigma cultural. O próprio escritor viveu em Paris em diversas oportunidades: em torno de 1904 em comemoração ao término de seu *bachillerato*, entre 1909 e 1911, ao mesmo tempo que enviava a Madri suas colaborações para a revista *Prometeo*; em 1917, quando conhece Apollinaire, Juan Gris, Lipchitz, Modigliani e Picasso, também no final da década de 1920, quando o acúmulo de visitas fizeram com que fundasse um lugar de reunião próprio, no café *La Consigne*, perto de Montparnasse. Sua presença em Paris também é suficientemente marcante para que em 1929 seja nomeado membro da *Académie Française de l'humour*.

A Espanha desse período, além disso, estava envolvida em uma profunda crise. Não tinha, portanto, um ambiente que permitisse um movimento reativo e violento como o das outras vanguardas europeias, cuja repulsa aos modelos vigentes incluía, entre outras atitudes, o desprezo de grande parte do público leitor. Entre 1912 e 1922, sob o governo Romanones e durante o reinado de Alfonso XIII, os espanhóis viviam em estado de exceção. Em 1910, a expectativa de vida no país era de 41 anos e o número de analfabetos chegava a 40% da população. Durante a Primeira Guerra Mundial, a Espanha declarou-se neutra por causa de sua precária situação militar e naval, do *deficit* orçamentário crescente, do baixo desenvolvimento da indústria e do comércio. Em 1917, um pouco antes da Revolução Russa, houve uma greve geral que contestou o aumento do custo de vida, a escassez de alimentos e a permanência da monarquia. No ano seguinte, a carestia levaria vários cidadãos a se manifestarem nas ruas do país.

Inseparável dessas injunções históricas, Gómez de la Serna não foi, portanto, apenas um vanguardista. Além de ter buscado cativar o maior número de leitores possível numa época em que o mercado da arte era bastante restrito, conheceu, nas duas primeiras viagens a Paris, um mundo que ainda se vinculava com a boemia, os *cabarets*, os *music-halls*, a *Belle époque* e o final do século XIX. Esse mundo foi recriado pelo próprio autor no livro *Tapices*, de 1913. Na revista *Prometeo*, razoavelmente sincrética, havia algo da vanguarda e muito do decadentismo francês, de Remy de Gourmont e Anatole France, além de Nietzsche, Oscar Wilde, Bernard Shaw.

Assim, apesar de sua modernidade, os textos de Ramón não estavam completamente dissociados de vários gêneros finiseculares, produzidos ao longo de toda a sua carreira, e que continham o gesto da cortesia e da retribuição: "silhuetas", "perfis", "retratos". A sociabilidade em Madri, diferentemente da ruptura promovida pelas outras vanguardas europeias, era sustentada por banquetes, tertúlias, comemorações, homenagens, conferências, brindes e encontros de café (Macciuci, 2006). Esses espaços

de convivência foram os de Ramón e o do futuro ultraísmo, apesar de lembrarem um tempo anterior à vanguarda: respeitoso, com dissidências amistosas, rupturas controladas e um espírito de continuidade.

Ramón X Cansinos

Foi nos intervalos em que estive em Madri, entre 1920 e 1924, que Borges travou contato com o grupo de escritores do café Pombo, organizado em torno de Ramón⁵. Nessa época, como assinalou-se antes, Cansinos já possuía uma agremiação própria no café Colonial. A concorrência desses cafés teria instaurado o que os frequentadores consideravam uma rivalidade, com a qual tinham de lidar antes de decidir o rumo a tomar nas noites de sábado. A respeito da reciprocidade entre os três escritores, especialmente entre Borges e Ramón, Graciela Montaldo explica:

"Borges eligió entre los europeos con los que compartió "veladas literarias", dos escritores que pasaron a poblar su discurso de joven poeta y a los que le dio un lugar de magisterio y admiración: Rafael Cansinos Assens y Ramón Gómez de la Serna – cada uno liderando su propio grupo. "Ramón", como los martinfierristas llamaron Gómez de la Serna, tuvo con Borges una relación de compinches: ambos se visitaron, escribieron y comentaron los libros del otro. Si Borges ve a Ramón como un maestro, éste entiende tempranamente que Borges no es un discípulo tradicional." (Montaldo, 1989, 231).

Apesar dessa observação, na autobiografia que Borges elaborou em 1970, Ramón e seu café são ridicularizados:

"Fui una vez a una reunión y no me gustó cómo se comportaban. Tenían un payaso con una pulsera a la que habían sujetado un cascabel. Hacían que estrechara la mano a la gente, y el cascabel cascabeleaba y Gómez de la Serna invariablemente decía: "¿Dónde está la culebra?". Se suponía que era gracioso. Una vez me miró con orgullo y comentó: "¿Verdad que nunca viste nada parecido en Buenos Aires?". Reconocí que no, gracias a Dios." (BORGES & DI GIOVANNI, 1999, 59)⁶

Não se sabe quantas vezes Borges foi ao café de Ramón. Este anota a presença do jovem argentino no livro *La Sagrada Cripta de Pombo*, publicado em 1924. Em 1935, também escreve um ensaio no qual recorda que Borges e sua irmã estiveram por lá (1935, 178).

Em 1986, contrariamente à impressão que transmitiu de Pombo, Borges é bastante respeitoso com as reuniões do café Colonial: "Cansinos proponía un tema cualquiera: una estrofa, un libro, una imagen. No permitía la mención maliciosa de escritores contemporáneos. Apenas si recuerdo una mención fugaz del hostelero de Pombo" (2003, 190). A rixa entre Cansinos e Ramón não tinha se atenuado na lembrança do Borges da década de 1980, resumindo-se a uma menção passageira. Desde o começo do ultraísmo, insinuações deste tipo e pequenos incidentes ajudaram a encenar uma disputa repercutida pelos jovens, que procuravam o burburinho do ambiente de vanguarda daqueles tempos. O novo, afinal, não deveria passar despercebido. Na realidade, Cansinos e Ramón, mais velhos do que os ultraístas e melhor inseridos culturalmente, poderiam abonar o movimento, emprestando-lhe confiança. Embora tivessem tertúlias separadas, eram amigos e trocavam cartas. Cansinos também era muito próximo da namorada de Ramón

naquela época, a jornalista e escritora feminista Carmen de Burgos, mais conhecida como Colombine.

A reunião desses fatos não significa afirmar que Ramón estivesse satisfeito com a concorrência do antigo colaborador da revista *Prometeo* e fundador de *Pombo*. Pelo contrário, Ramón foi, em geral, sarcástico nas biografias curtas que escreveu a respeito de Cansinos. Assim, em 1945, no livro *Nuevos retratos contemporáneos*, avisa que "compensará" o fanatismo antigo, suavizando-o. Apesar disso, explica que nos anos vinte Cansinos apareceu "pilotando al poeta Huidobro o a Jorge Luis Borges" tendo, logo depois, ficado sem "esos brillantes huéspedes". Menciona, em seguida, os poetas ultraístas chamando-os de "hombres desesperados y vacíos" (2004, 645).

Em *La novela de un literato*, livro de memórias fragmentárias sobre o mundo das letras de Madri de fins do XIX até o primeiro terço do XX, Cansinos acaba depreciando as inovações reclamadas pelos ultraístas, alardeando que eram seguidores do *modernismo*⁷ de Rubén Darío, "epígonos" de Villaespesa, dos irmãos Machado e de Juan Ramón Jiménez, escritores que seriam imitados na forma e no tom. Sublinha, além disso, que os jovens poetas competiam entre si, desdenhando os companheiros e sem nenhum espírito de grupo. Diminui, por fim, a importância de vários deles, como César A. Comet, Isaac del Vando Villar, José Rivas Panedas, Guillermo de Torre, Eugenio Montes, Jaime Ibarra e Eliodoro Puche. O mesmo, entretanto, não ocorreria com o seu suposto inimigo, Gómez de la Serna, que é descrito como ludibriado pelos poetas do ultra. Possivelmente, era também assim que os jovens se portavam com relação ao próprio Cansinos.

Ramón, ainda para Cansinos, seria uma dessas "vozes amigas" que influíam em seu ânimo. Essa "voz amiga", ao lado do lançamento de *El poeta asesinado* de Guillaume Apollinaire, prologado por Ramón e traduzido por Cansinos em 1924 – num tempo em que os ânimos do ultra já tinham se arrefecido na Espanha – marca uma amizade que pode ter sofrido alterações, mas não se extinguiu⁸. Finalmente, e ainda segundo as páginas de *La novela de un literato*, é Ramón quem parece convencer Cansinos a decidir-se pelo abandono do movimiento ultraísta: "Pero ha sido Ramón quien, no obstante, ha colmado mi empacho de Ultraísmo" (2005, 482).

Assim, com o romance satírico *El movimiento V. P.*, de 1921, Cansinos rompe com o ultraísmo. Nesse livro, cada um dos participantes do ultra vê-se ridicularizado. Uma das críticas mais contundentes indica que a vanguarda já é obsoleta e descobre-se antiga e superada. Entre os personagens de *El movimiento V. P.*, os "jóvenes poetas viejos" designariam os seguidores de Ramón Gómez de la Serna. No capítulo XXV, intitulado "El hechizo académico", narra-se a visita a uma biblioteca de autores clássicos e o narrador conclui: "Como los poetas del V. P. no habían leído nunca un libro clásico, al repasar aquellas obras maestras del genio académico realizaban hallazgos continuos y a cada paso se maravillaban" (1998, 255).

Guillermo de Torre, futuro cunhado de Borges, e centralizador do movimento segundo Ramón, depois de tomar conhecimento do conteúdo irônico com que Cansinos retratava os ultraístas, certificaria, no penúltimo número da revista *Cosmópolis*, publicado em 1922, que ao fazer um "pastiche" inócuo ele teria perdido a sua hierarquia na nova ordem e na estima intelectual dos que antes o cercavam. Pedro Garfias, por sua vez, atribuía a deserção de Cansinos à aproximação dos jovens poetas de Ramón.

A revista *Vltra*

A revista *Vltra*, publicada entre 1921 e 1922, é a mais representativa da primeira vanguarda ou vanguarda histórica. Suas páginas compreendem nomes de poetas que se

autodenominavam ultraístas e que hoje podem soar desconhecidos: os irmãos José e Humberto Rivas Panedas, Ernesto López Parra, Tomás Luque, César A. Comet, José de Ciria y Escalante etc. Nela, entretanto, também apareceram nomes que perduraram, como os de Gerardo Diego, Pedro Garfias, Adriano del Valle e Luis Buñuel. Além de trazer a modernidade do futurismo, do dadaísmo e do creacionismo para a Espanha, suas seis páginas, em grande formato tríptico, foram as mais belas do período, com capas em cores e ilustrações de Norah Borges, Wladyslaw Jahl, Marjan Paszkiewicz e Rafael Barradas.

Uma dessas capas, a do primeiro número, de janeiro de 1921, traz uma gravura sobre madeira de Norah, cujo tema reenvia à vanguarda em geral, mas também a Gómez de la Serna: o circo. Nesse período, o escritor já se autodenominava "cronista del circo" por causa de seu livro de 1918, *El Circo*. No número 1, Ramón publica quatro microcontos do Dr. Vivar ou Dr. Inverosímil, personagem que em 1914 protagonizara uma série de contos entre trágicos e cômicos, publicados no livro *El Doctor Inverosímil*.

Naquele momento inaugural da revista, Ramón dividia o espaço da primeira página com Cansinos Assens e, em menor escala em termos gráficos, com Rafael Lasso de la Vega. Borges, duas páginas depois, contribuía com um poema intitulado "Mañana". Seus onze versos estampavam o vanguardismo do autor, que fazia uso dos brancos textuais, além de retomar tópicos vanguardistas como o da máquina, do ócio, do jogo e da velocidade. Nesse primeiro número, Borges também escreve um artigo bastante ousado, dado que era apenas um jovem iniciante, pois em "Roman [sic] Rolland, *Clérambault*, París, 1920", critica o autor francês, que na sua opinião supunha-se "a la cabeza de las adolescencias de vanguardistas", e cujas afirmações seriam velhas, "lugar común de mitin, sapiencia fácil".

Mais tarde, em dezembro de 1921, quando Cansinos já não participa da revista, o lugar de Ramón no ultraísmo – tendente à centralidade (não apenas do ponto de vista gráfico) e recebido, ao mesmo tempo, com certas distâncias – aparece na introdução anônima ao discurso que Ortega y Gasset pronunciara numa homenagem recebida no café Pombo. *Vltra*, com suas escassas seis páginas, reproduz todo o texto de elogio a Ramón e seu café, mas avisa que contrariamente ao que afirmava o jovem filósofo, Pombo – ou a Sagrada Cripta del Pombo – não era nem o único, nem o último reduto da vanguarda. Essa ressalva anônima da revista *Vltra* pretendia contrariar a previsão que Ortega fizera em seu discurso, ao imaginar o fim do ultraísmo e anunciar um tempo futuro, quando o movimento seria sobrepujado por novas ondas literárias.

À diferença de Ortega, para os ultraístas, portanto, Pombo não era "la última barricada"⁹, mas Ramón era um "amigo querido"/ "entrañable amigo". Efetivamente, uma das frases constantes da revista, disposta como as demais consignas do ultraísmo, destacava a ausência de diretor: "Vltra no tiene director. Se rige por un comité directivo anónimo". Isso, segundo comenta o estudioso Gallego Morell – e contrariamente ao que afirmara o rancoroso Cansinos em *La novela de un literato* –, permitiria um trabalho em equipe e um "nós" acima das personalidades isoladas. Ainda assim, Cansinos, até o número 10 da revista e Ramón, do começo ao fim, seriam os mestres do grupo:

"[*Vltra*] es una revista de grupo como toda revista de poesía pero es, además, una revista de poesía "afilada" a una determinada tendencia. Regida por un "comité colectivo anónimo", nace con voluntad de "nosotros", de trabajo en equipo, frente a la afirmación de cada personalidad aislada. Quienes constituían esa "junta directiva" puede intuirse por las colaboraciones sistemáticas que se registran en sus mismas páginas: los hermanos Rivas Panedas (José y Humberto), Lasso de la Vega, Guillermo de Torre, el pintor

Wladyslaw Jahl, Jorge Luis Borges, César A. Comet y los "maestros" Cansinos (hasta el n. 10, mayo 1921) y Ramón." (Apud Barrera, 1993, s. p.)

Vltra, entre Pombo e Palma de Maiorca

Na revista *Vltra*, Ramón teve a partir do número 6, uma coluna fixa intitulada "Ramonismo", dedicada a reunir passagens aforísticas, microcontos entre o imaginário e o real, entre o dramático e o humorado, o cotidiano e o insólito. Cioso, entretanto, de que seu papel no café Pombo seria mais importante e duradouro, não ia às festas ultraístas promovidas em Madri. Numa eventualidade, compareceu ao banquete da Caserna – tal como recorda Cansinos num trecho de *La novela de un literato* – mas saiu antes de seu término.

Borges também não esteve em quase nenhuma das festas¹⁰. Suas entregas eram contínuas, mas o escritor estava com sua família em Palma de Maiorca. Na ilha, pôde desempenhar sua defesa do movimento, criando, inclusive, debates. Num deles, por exemplo, ele e dois colegas contestam Pin, pseudônimo do jornalista José Agustín Palmer. Uma pequena amostra do tom combativo dessa defesa destaca a importância do novo: "Afirma PIN: *El progreso en arte es mejorar y engrandecer lo que existe*. Es decir, simplemente, una restauración hecha por los artistas erigidos por PIN en restauradores. El arte es crear, no restaurar"¹¹.

Na revista *Baleares* de Palma de Maiorca também surge o manifesto do que seria uma espécie de ultraísmo local, com Borges à frente. O "Manifiesto del Ultra" foi publicado em fevereiro de 1921, assinado por ele, além de Jacobo Sureda, Juan Alomar e Fortunio Bonanova. Declararam, então, somar-se ao esforço realizado pelas revistas *Grecia*, *Cervantes*, *Reflector* e *Vltra*, contrapondo-se, como estas últimas, às estéticas professadas anteriormente.

Borges, se eventualmente tivesse possuído uma coluna na revista madrilena *Vltra* – à maneira da coluna "Ramonismo" – ter-lhe-ia, talvez, atribuído um título de conotação cubista: "Prismas". Esse termo compôs a primeira frase do "Manifiesto del Ultra" de *Baleares*: "Existen dos estéticas: la estética pasiva de los espejos y la estética activa de los primas". Retornaria no número 4 de *Vltra* como título de um poema. Igualmente, no número 21, anunciando em Buenos Aires a folha literária mural que originaria todas as outras publicações de vanguarda na Argentina: *Prisma*. A palavra ainda está no título de outro poema do número 22 de *Vltra*. No número 11, de maio de 1921, é o centro da reflexão do pequeno ensaio "Anatomía de mi 'Ultra'". Nesta edição da revista, a primeira sem Cansinos depois do quiproquó suscitado pelo romance satírico *El movimiento V. P.*, Borges substitui o lugar gráfico antes ocupado pelo mestre, na metade superior da primeira página.

O possessivo do título "mi Ultra", confirmava, mesmo à distância, a sua participação no movimento, ao mesmo tempo em que buscava particularizá-lo. Ramón, no mesmo número, não levou em conta a ausência de Cansinos. Sua contribuição foi um pequeno conjunto de "greguerías largas" ou microcontos que a não ser pelo título, "Saldo de cosas", poderia se referir muito indiretamente à exclusão do antigo companheiro do corpo de colaboradores da revista.

No ensaio "Anatomía de mi 'Ultra'", Borges confirmaria o gosto pela crítica, presente desde o primeiro número, quando contestou o vanguardismo e o papel de precursor do escritor francês Romain Rolland. No ensaio, defende o direito a uma voz poética que seja própria e distingue dois tipos de mentalidade: a impressionista, na qual o indivíduo deixa-se abandonar ao ambiente, impregnando-se dele, e a expressionista,

quando o ambiente é o instrumento do indivíduo. A essas mentalidades corresponderiam duas estéticas que retomam a oposição esboçada no "Manifiesto del Ultra" de *Baleares*: a estética dos espelhos, passiva, e a dos prismas, ativa. A renovação literária que se produzia naquele momento, segundo Borges, seria essencialmente expressionista e ativa, excetuando-se o futurismo, que combate nessa época em mais de uma oportunidade.

A vontade de classificar, de distinguir, organizar e esclarecer demonstrada por Borges nesse ensaio de 1921 para *Ultra* não caracterizou os três primeiros manifestos do ultraísmo. O primeiro, escrito por Cansinos e assinado pela agremiação de jovens do café Colonial em 1918, o segundo, escrito por Vando Villar em 1919 e o terceiro, por Guillermo de Torre, em 1920. Todos foram divulgados na revista *Grecia*, publicada a partir de 1918 na cidade de Sevilha.

Ramón, ou o centro das atenções

No número 12 da revista *Ultra* – tal qual Borges o fizera – Ramón ocupará a metade superior da primeira página, antes o espaço destinado a Cansinos. "La solera de la belleza" é o título do primeiro "Ramonismo" desta nova fase da revista, estampado em letras grandes e centralizadas. Apesar da estima dos ultraístas e de não se considerar um deles, o fato é que após a saída de Cansinos, Gómez de la Serna consegue o que almejava. Antes, e como que esperando esse momento, já havia acenado positivamente para os integrantes do movimento. Por isso o "Panorama ultraísta" anônimo da revista *Grecia* registra o respeito e o reconhecimento desse autor, permutados por uma colaboração que se tornará constante dentro de pouco tempo. Mas não apenas isso, também preponderante, uma vez que a partir de julho de 1920 seus "Disparates" apareceriam nas primeiras páginas de *Grecia*, antes dos envios de colaboradores mais antigos como os do próprio Borges.



O desenho de Ramón impresso em *Ismos* e

reproduzido no *Diccionario literario* de Porto-Bompiani.

"El moderno espíritu de Gómez de la Serna, reconociendo la pureza, seriedad e importancia del movimiento ultraísta, a pesar de haberlo combatido por causas íntimas que en nada afectan a su fondo, nos envía su simpatía y colaboración. Los ultraístas, teniendo en cuenta el justo gesto de Gómez de la Serna, lo señalamos como un acontecimiento digno de consideración."

O suposto combate de Ramón, apontado nesta nota de *Grecia* que se dispunha, a partir de então, a uma trégua, refere-se à exasperação de alguns ultraístas diante da falta

de adesão do escritor, repercutida em números anteriores pelos próprios colaboradores da revista. Em menor escala, também à controvérsia que alguns poetas do café Colonial iniciaram por causa de certas insinuações do livro de Ramón de 1918, *Muestrario*. Tempos depois, em carta redigida em torno de agosto de 1922, Borges remete a de Torre exemplares do primeiro número da revista argentina *Proa (primera época)* e emite a seguinte opinião:

"En cuanto a la prosa de Cansinos Assens que publicamos, opino – y los compañeros conmigo – que los dimes y diretes y chismes que alborotan los cafés madrileños y provocan zarpazos como el *Movimiento V. P.* y las insinuaciones de Ramón Gómez de la Serna en *Muestrario*, no afectan, ni deben afectar, al Ultraísmo. Las rencillas entre tertulia y tertulia son una mezquindad = el Ultraísmo es una cuestión ideológica." (Apud García & Greco, 2007, 56)

Passados vários anos, em 1941, Borges, Bioy Casares e Silvina Ocampo escolheriam um excerto do *Muestrario* de Ramón – intitulado "Peor que el infierno" – para integrar a famosa *Antología de la literatura fantástica*, além de outro microconto do autor – "La sangre en el jardín" – proveniente de *Los muertos, las muertas y otras fantasmagorías* [1935]. Em 1960, outro excerto de *Muestrario*, nomeado "El infierno" por Borges e Bioy, é publicado na antologia *Libro del cielo y del infierno*.

Outros textos de Borges e de Ramón na revista *Vltra*

Dos 24 números da revista *Vltra*, Ramón só deixou de publicar em quatro: 3, 4, 10 e 14. Borges não compareceu em cinco deles: 10, 12, 13, 18 e 23. Na sexta entrega, quando ambos publicam, Ramón contribui com dois textos curtos e nove *greguerías*. Entre elas, uma imagem que trata da morte com humor, numa mistura tragicômica que caracterizaria grande parte de sua ficção: "Realmente nuestra figura en la cama es figura de ahogados con el agua hasta el cuello". Borges colabora com um poema absolutamente vanguardista: em "Tranvías" pode-se observar o trabalho com a mancha textual deixada na página, a temática da guerra que remete ao expressionismo alemão, vários elementos modernos como o trem, o *trolley*, o cartaz, o pentagrama e a música, assim como a cidade, o movimento e a geometria.

No oitavo número, quando ambos colaboram na mesma página, Ramón envia três microcontos e algumas *greguerías* para a seção "Ramonismo". Primeiro o autor extrai impressões inusitadas de barracas de praia abandonadas durante o inverno, depois, faz o mesmo com dois furos de uma parede qualquer. No terceiro microconto, narra a história de uma condecoração que jamais foi pendurada na lapela ou no peito de alguém. Borges, na coluna ao lado, dedica o poema "Cingladura" a [José] Rivas Panedas, poeta ultraísta, com um passado *modernista*¹². O jovem argentino parece, ademais, pouco interessado em livrar-se da imagem de "cantor do mar", conseguida graças à sua primeira contribuição para a revista *Grecia* em dezembro de 1919, "Himno del mar".

Nos números 14 e 16, Borges prossegue com a incumbência de tradutor do expressionismo alemão, iniciada pouco antes, na revista *Grecia*. Na *Vltra* de número 14, traduz um poema de Kurt Heynicke – "Jardín Amor" – na de número 16, escreve uma resenha sobre a antologia berlinense *Die Aktion-Lyric, 1914-1916*. Aproveita, então, para apresentar versões castelhanas de poemas de J. T. Keller, Wilhelm Klemm, Oscar Kanchl, Walter Ferl e Hermann Plagge. Nessa ocasião, sublinha a emoção trazida por aqueles textos: menos pelo fato objetivo de terem sido escritos por poetas que lutaram nas

trincheiras da guerra do que pelo exercício que realizavam com as palavras e com a fatura textual. No mesmo número, Ramón publica uma ficção curta, "El hotel más usurario del mundo". Apesar do humor, transmite angústia porque nela se hiperbolizavam todas as circunstâncias relacionadas com a viagem e com o viajante, rapidamente imerso numa situação massificadora e opressiva. A começar pela viagem de trem, longuíssima, que o deixaria imundo, passando pelo trajeto no elevador e o número do quarto – "Después de un cuarto de hora de ascensor llegué al piso ciento cuatro y tomé posesión del cuarto diez y ocho mil cuatrocientos cuarenta" – até, por fim, a leitura do quadro com as regras de funcionamento do hotel.

Na primeira edição de dezembro de 1921, Ramón escreve uma narrativa em primeira pessoa, "El cura castigado". Um padre que merecia a morte sofre um acidente extravagante durante uma celebração. Nesse mesmo número 19 de *Vltra*, Borges compartilha com Ramón a temática religiosa, levemente deslocada. No poema "Catedral" avista ao longe: "la catedral que es una parva/con espigas de rezos//Lejos Lejos"¹³.

Estava terminando o breve tempo de vida do ultraísmo na Espanha, cujo desaparecimento costuma-se fixar junto com o fim da revista *Vltra* em março de 1922. Ramón, sem se dar conta disso, ou ironizando, exclama no último número, sob a voz de um vendedor de jornais:—" ¡ULTRA con todos los detalles del asesinato de todo el Consejo de Ministros! ¡ULTRA con las últimas noticias de las agonías! ¡Horroroso asesinato! ¡El más grande atentado de la Historia!!...".

Três números mais cedo, entretanto, o fôlego do ultraísmo parecia renovar-se em Buenos Aires, para onde foi levado pelo jovem Borges. Era o que noticiava a própria *Vltra*, na introdução que reproduzia a "Proclama" da revista mural *Prisma*:

"Nuestro fraternal amigo y camarada Jorge Luis Borges nos envía el primer número de la originalísima revista mural *Prisma*, que acaba de aparecer en Buenos Aires a sus cuidados. Hemos tirado cinco mil ejemplares – nos escribe jovialmente nuestro compañero –, con los cuales, dentro de una semana, estará empavesada la ciudad. 'Queremos desparramar el ultraísmo por toda la República y hemos enviado números para que sean pegados en Córdoba, en el Rosario de Santa Fe y en Corrientes. También mandamos a Chile y a Montevideo...'

[...]

"Integran el número de *Prisma* originales de J. Rivas Panedas, Adriano del Valle, Pedro Garfias, Isaac del Vando Villar, Jorge Luis Borges, y de los nuevos poetas ultraístas, E. González Lanuza, Guillermo Juan y Jacobo Sureda. A la cabeza de *Prisma* aparece una entusiasta PROCLAMA que reproducimos a continuación."¹⁴

Bibliografía

Aguilar, "París cruel, la experiencia de Gómez de la Serna tras las huellas de Baudelaire", *Thélème, Revista Complutense de Estudios Franceses*, n. 16, 2001, pp. 35-46.

_____, "Ramón y sus novelas para París", in Navarro Domínguez (coord.), *Ramón Gómez de la Serna y la novela: nuevas perspectivas*, Universidad de Huelva, 2008, pp. 187-208.

Barrera López, "Afinidades y diferencias: Ramón y el 'ultra'", *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 461, noviembre 1988, pp. 29-38.

_____, "Ultra, centro de las primeras vanguardias", in *Vltra*, Madrid, 27/01/1921 a 15/03/1922, edición en facsímiles de José Antonio Sarmiento y José María Barrera, Madrid, Visor, 1993, s. p.

Bonet (org.), *Ramón en cuatro entregas*, t. 3, Madrid, Museo Municipal de Madrid, 1980, pp. 79-84.

_____*Impresos de vanguardia en España*, catálogo de la exposición producida por MUVIM, València, 2009.

Borges & di Giovanni, *Autobiografía: 1988-1970*, Buenos Aires, El Ateneo, 1999.

Borges, "Definición de Cansinos Assens", *Martín Fierro*, segunda época, Buenos Aires, n. 12-13, 10/11/1924, reproducido em *Inquisiciones* [1925], Madrid, Alianza, 2004.

_____"Cansinos y *Las mil y una noches*", *La Nación*, Buenos Aires, 10/07/1960.

_____"Rafael Cansinos Assens", *El otro, el mismo* [1964]

_____"Ramón Gómez de la Serna. Prólogo a la obra de Silverio Lanza", *Biblioteca personal, prólogos* [1988], *Obras completas IV*, Buenos Aires, Emecé, 2003.

_____*El círculo secreto, prólogos y notas*, Buenos Aires, Emecé, ed. de Sara Luisa del Carril y Mercedes Rubio de Zocchi, Buenos Aires, Emecé, 2003.

_____*Textos recobrados 1919-1929*, edición de Sara Luisa del Carril, Buenos Aires, Emecé, 2007.

Buckley & Crispín, *Los vanguardistas españoles, 1925-1935*, Madrid, Alianza, 1973.

Cansinos Assens, *El movimiento V. P.*, prefacios de Juan Manuel Bonet, Madrid, Viamonte, 1998.

_____*La novela de un literato*, vol. II, Madrid, Alianza, 2005.

Carreras i Odriozola & Tafunell Sambola (coords.), *Estadísticas históricas de España: Siglos XIX-XX*, 2ª ed., Bilbao, BBVA, 2005.

De Torre, "Los espejos curvos de un humorista forzado", *Cosmópolis*, n. 44, agosto 1922.

García & Greco (orgs.), *Escribidores y naufragos: correspondencia, Ramón Gómez de la Serna / Guillermo de Torre, 1916-1963*, Madrid, Frankfurt am Main, Iberoamericana, Vervuert, 2007.

Gómez de la Serna, "El año pombiano", in de Torre, Pérez Ferrero & Salazar y Chapela, *Almanaque literario*, Madrid, Plutarco, 1935.

_____"El Ultraísmo y el Creacionismo Español", *Revista Nacional de Cultura*, n. 108, Caracas, ene-feb. 1955, p. 147.

_____"El Ultraísmo y el Creacionismo Español", *Revista Nacional de Cultura*, n. 108, Caracas, ene-feb. 1955, p. 147.

_____*Obras completas XVII*, ed. de I. Zlotescu, Barcelona, Galaxia Gutenberg, 2004.

Macciuci, "Vanguardias de la periferia: España"; "Ramón Gómez de la Serna, un vanguardismo finisecular", *Final de Plata Amargo, de la vanguardia al exilio: Ramón Gómez de la Serna, Francisco Ayala, Rafael Alberti*, La Plata, Al Margen, 2006, pp. 103-84; 185-230.

Martínez-Collado, *La complejidad de lo moderno: Ramón y el arte*, Cuenca, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1997.

Montaldo, "Borges y los españoles", in David Viñas, *Historia social de la literatura argentina*, tomo VII, Buenos Aires, Contrapunto, 1989.

Navarro Domínguez & otros, *Estudios sobre Ramón Gómez de la Serna*, Madrid, Albert, 2010.

Navarro Domínguez, *El intelectual adolescente: Ramón Gómez de la Serna, 1905-1912*, Madrid, Biblioteca Nueva, 2003.

Porto-Bompiani, *Diccionario literario de obras y personajes de todos los tiempos y de todos los países*, tomo I, Barcelona, Montaner, 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1967, pp. 548-52.

Posse, "Borges, América latina y la literatura española contemporánea", *La Nación*, Buenos Aires, 04/12/1996.

Videla Rivero, "Antecedentes del ultraísmo en España", *El ultraísmo, estudios sobre movimientos poéticos de vanguardia en España*, Madrid, Gredos, 1971.

Periódicos completos

Cosmópolis, 1919-1922.

Grecia, revista de literatura (1918-1920), 2 vols., ed. de José María Barrera López, índice onomástico de María Cristina Guijarro Hernáiz, Málaga, Centro Cultural de la Generación de 27, s. d.

Vltra, 27/01/1921 a 15/03/1922.

¹ O primeiro manifesto foi veiculado na imprensa madrilena de um modo geral em fevereiro de 1919. Um mês depois, foi reproduzido na revista *Grecia*, Sevilla, 15/03/1919, p. 2 e, no mês seguinte, na revista *Cosmópolis*.

² Vejam-se, por exemplo, os ensaios "Definición de Cansinos Assens" em *Martín Fierro*, segunda época, Buenos Aires, n. 12-13, 10/11/1924 e em *Inquisiciones* [1925]; "Cansinos y *Las mil y una noches*", *La Nación*, Buenos Aires, 10/07/1960, assim como o poema "Rafael Cansinos Assens" em *El otro, el mismo* [1964]. A grafia do sobrenome do escritor sevilhano tem variações, quase todas muito correntes. Optei sempre por Cansinos Assens.

³ *Prometeo* publicou 38 números entre 1908 e 1912. Oficialmente, foi dirigida a partir do n. 12 por Ramón. No n. 6, de abril de 1909, aparece o manifesto de Marinetti, traduzido por Ramón, assim como "El concepto de la nueva literatura (Profesión de fe y de excepticismos)" e "El Futurismo", ambos de Ramón. Para mais informações sobre a revista, o período histórico e os posicionamentos do autor, consultar Navarro Domínguez, *El intelectual adolescente: Ramón Gómez de la Serna, 1905-1912*, Madrid, Biblioteca Nueva, 2003.

⁴ Cf. Bonet (org.) *Ramón en cuatro entregas*, t. 3, Madrid, Museo Municipal de Madrid, 1980, pp. 79-84.

⁵ A família Borges chega em Madri em fevereiro de 1920 e permanece até 3 de maio. Em julho de 1923, depois de publicado em Buenos Aires o terceiro e último número de *Proa* (*primera época*), voltam para a Europa. Passam algum tempo em Londres antes de retornar a Madri.

⁶ Ver, igualmente, o prólogo que Borges dedicou à biografia que Ramón escreveu a respeito de Silverio Lanza. Nela, embora as observações sobre os dados biográficos do próprio Ramón prevaleçam, Borges é sem dúvida mais condescendente do que na *Autobiografía*: "Ramón Gómez de la Serna. Prólogo a la obra de Silverio Lanza", *Biblioteca personal, prólogos* [1988], *Obras completas IV*, Buenos Aires, Emecé, 2003, p. 503.

⁷ Diferentemente do brasileiro, o *modernismo* hispano-americano data do fim do XIX. Representou uma superação do modelo romântico, sobretudo através da poesia, sendo comparável, em linhas gerais, com o simbolismo e com o parnasianismo no Brasil. Entre os nomes mais representativos do modernismo hispano-americano estão Rubén Darío, José Martí e Leopoldo Lugones.

⁸ Ramón já havia prologado outra tradução de Cansinos para a edição de Barbey D'Aureville, *El amor imposible*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1920.

⁹ "Cuartillas de Ortega y Gasset", *Vltra*, Madrid, n. 20, 15/12/1921, pp. 2-3. Neste mesmo número, o nome de Borges aparece entre os correspondentes literários de *Vltra* no exterior, ao lado de Tadeuz Peiper (Polônia) e Volne Smery (Tchecoslováquia). Para mais detalhes a respeito do banquete a Ortega, cf. García, "Ramón y el banquete a Ortega en Pombo", in Navarro Domínguez & otros, *Estudios sobre Ramón Gómez de la Serna*, Madrid, Albert, 2010, pp. 75-92.

¹⁰ A única de que se tem notícia com a participação de Borges foi realizada em 28/01/1921, conhecida como "la velada de la Parisina", referida no segundo número da revista *Vltra*, de fevereiro de 1921.

¹¹ Assinado com o acróstico Dagesmar, que reunia as últimas sílabas dos sobrenomes Sureda, Borges e Alomar, "Ultraísmo", *Textos recobrados 1919-1929*, edición de Sara Luisa del Carril, Buenos Aires, Emecé, 2007, p. 83. Publicado originalmente em *Última hora*, Palma, 03/02/1921.

¹² JLB, "Cingladura", *Vltra*, n. 8, 20/04/1921. Rivas Panedas retribui a dedicatória no poema de sua autoria, "Aldea", *Vltra*, n. 9, 30/04/1921. Borges já tinha publicado um poema com esse mesmo título em *Vltra*, n. 2, 10/02/1921. Vários dos poetas ultraístas transitaram, antes, pelo *modernismo*. Entre eles, pode-se citar Rafael Lasso de la Vega, divulgado em *Prometeo* desde a década de 1910, e Rogelio Buendía.

¹³ O branco textual é parte do poema. Em *Vltra*, n. 19, 01/12/1921: RGS, "Ramonismo"; JLB, "Catedral".

¹⁴ *Vltra*, n. 21, 01/01/1922.